

A CONTRIBUIÇÃO DO TEATRO NO DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA PESSOA COM SURDEZ

Ianca Barros YAMAGUCHI¹

Profa. Esp. Rosangela Aparecida Araújo FERREIRA

RESUMO

Com base nos referenciais teóricos sobre a história do surdo e sua cultura, a Língua Brasileira de Sinais e a linguagem teatral, este trabalho tenciona refletir sobre a participação da pessoa com surdez no teatro e identificar como esta linguagem pode contribuir no desenvolvimento do surdo enquanto sujeito cultural e social, possibilitando a interação entre as comunidades surda e ouvinte através de diferentes tipos de comunicação, incluindo jogos teatrais que promovem a aproximação dos indivíduos/atores.

PALAVRAS-CHAVE

Surdo; Teatro; Interação; Socialização.

1. Introdução

A sociedade distingue aqueles que têm diferentes modos de pensar, agir ou falar, assim acontece com os Surdos, buscando diminuir a distância entre pessoas surdas e ouvintes, o teatro se mostra efetivo quanto a essa inclusão social. O uso da Libras como expressão corpórea auxilia essa interação, despertando a vontade de se comunicar, favorece o desenvolvimento e despertam a compreensão e o respeito nos indivíduos.

Este artigo foi desenvolvido através de pesquisas bibliográficas tendo como base os autores Gesser (2009), Santana e Bergamo (2005), que relatam sobre a língua de sinais, a história, a cultura e a identidade surda, Koudela (2006), Spolin (2008) e Japiassu (2006), explicam sobre a linguagem teatral e Freitas (2014), que une esses objetos de estudo e discorre sobre a inclusão de surdos no teatro.

Primeiramente analisa a existência de uma cultura surda, trazendo referências sobre seu comportamento, sua língua e conceitos sobre a palavra “cultura”, a partir dessas teorias é possível compreender o indivíduo com surdez, assim inseri-lo no espaço cênico.

¹ Graduanda em Arte – Departamento de Arte – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – iancayamaguchi@gmail.com

A linguagem teatral, abordada a seguir, descreve como o ensino do teatro auxilia no desenvolvimento, e principalmente a utilização de jogos dramáticos, com a expressão criativa influencia na personalidade e habilidade.

Posteriormente é feita uma relação entre os anteriores, “O teatro e a pessoa com surdez” procura explicar as vantagens trazidas pela linguagem teatral à pessoa com surdez, apresenta a existência de companhias de teatro que trabalham exclusivamente com surdos, também experiências registradas e como se resulta na socialização.

Esse tema foi escolhido por considerar que a linguagem teatral, por incluir importantes etapas que apoiam um avanço, pode contribuir na inclusão, sendo um diferencial no desenvolvimento social da pessoa com surdez. O objetivo desse trabalho é identificar como a linguagem teatral pode contribuir no desenvolvimento do surdo enquanto sujeito cultural e social, pautado em conhecer sua história e a libras, analisar suas experiências teatrais, apontar as características da linguagem, relacionar e analisar o desenvolvimento.

2. O surdo e sua cultura

Há quem diga que o uso da língua de sinais é o que define se a pessoa possui uma identidade surda, outros autores consideram que essa identidade é construída e está ligada as relações sociais, o sujeito se forma através do convívio no tempo e espaço. Portanto a construção dessa identidade não depende exclusivamente da língua de sinais, ainda que seja importante para a interação social. (SANTANA; BERGAMO, 2005)

Ao abordarmos a palavra “cultura”, nos remetemos as artes e aos costumes de um determinado grupo ou região, a língua é um dos mecanismos da cultura, pois auxilia na comunicação, os surdos fazem uso dos sinais para se comunicar, além de outros meios que constituem sua cultura como por exemplo, um tipo de piada a ser contada, a tecnologia também contribui com telefones específicos com visor e teclado, campanhas que acionam luzes no interior da casa, despertador que vibra, entre outros utensílios. (SANTANA; BERGAMO, 2005)

Para melhor explicar essa cultura, Santana e Bergamo trazem em seu texto, depoimentos de dois surdos, nos quais exemplificam seu dia a dia, cada um com o seu ponto de vista, existem diversas hipóteses do que é a cultura surda, enquanto um acredita que são mecanismos usados para suprir suas necessidades como indivíduos surdos, outro a encara como algo natural, já nasce com o surdo. “[...] a língua de sinais no Brasil é um pouco diferente. Mas a cultura é mais

ou menos igual em todo o Brasil. TDD², telefone, maneira de pensar, passear. Isso é quase tudo igual.” (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 577)

A vida dos surdos acaba por ser nada silenciosa, através do sentido da visão, eles percebem a agitação dos objetos e das pessoas ao seu redor, expressões faciais, muitos utilizando sinais ao mesmo tempo dão a mesma sensação de barulho que os ouvintes têm em uma conversa onde todos querem falar simultaneamente. (GESSER, 2009)

A surdez não impede o surdo de se comunicar e ter uma vida social como os ouvintes, “Os surdos dançam, apreciam e ouvem música a seu modo, têm sensações de barulho, constroem seus mundos e suas subjetividades através da língua de sinais, enfim, concebem e redefinem seu mundo através da visão” (GESSER, 2009, p. 50). Ser surdo não significa usar somente a Libras (Língua Brasileira de Sinais) para se comunicar, pode também fazer uso da língua oral, caso seja oralizado e optar pela língua portuguesa, promovendo um intercâmbio cultural.

Desde o princípio o Homem procurava um jeito de se comunicar, utilizava gestos e pantomimas antes mesmo de desenvolver a oralidade, o que nos indica que essa comunicação é importante e instintiva. A existência de uma língua é essencial, inclusive no processo de escolarização. Gesser, afirma que “Não é a surdez que compromete o desenvolvimento do surdo, e sim a falta de acesso a uma língua” (2009, p. 76), sem uma língua o surdo não tem com quem se comunicar, o que pode trazer serias consequências; a socialização é necessária para o desenvolvimento. O autor ainda conclui sua ideia dizendo: “Através da língua nos constituímos plenamente como seres humanos, comunicamo-nos com nossos semelhantes, construímos nossa identidade e subjetividade, adquirimos e partilhamos informações que nos possibilitam compreender o mundo que nos cerca.” (GESSER, 2009, p. 76, 77)

Há diversos rótulos ligados aos indivíduos surdos, tais como serem irritados, agressivos, nervosos ou deficientes mentais, isso está ligado também a língua, segundo Gesser (2009), é causado pela insistência na educação de surdos pela língua oral contra a sua vontade e acabam criando uma barreira linguística.

O uso de línguas distintas acaba afastando e criando grupos separados nos quais cada um utiliza um modo de se comunicar. Acredita-se que os próprios surdos criaram o termo “cultura surda” ligada apenas aos surdos e profissionais da área, excluindo os ouvintes. Esse grupo integra sua respectiva literatura, peças de teatro e jogos, peças essas que contém cenas de hábitos ouvintes onde os surdos não veem sentido. (SANTANA; BERGAMO, 2005)

² Telephone Device for Deaf (telefone para surdos).

“Todos nós somos perpassados e contaminados pelas culturas com as quais estamos em contato. Pensar o surdo no singular, com uma identidade e uma cultura surda, é apagar a diversidade e o multiculturalismo [...]” (SKLIAR, 1998; GESSER 2006, 2008 apud GESSER, 2009, p. 55). Os surdos possuem particularidades em sua maneira de agir, falar, pensar, sentir e ver o mundo, sua cultura é muito mais visual, contudo seria um equívoco dizer que o surdo não compartilha de outras culturas. Ele seria bicultural e bilíngue, por viver em uma sociedade onde a maioria é ouvinte e sua cultura deriva em algumas concepções da cultura dos ouvintes.

2.1 Libras

“A língua de sinais é a cultura do surdo” (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 576), 24 de abril de 2002 a lei número 10.436 reconhece a Libras como segunda língua oficial do Brasil. A língua de sinais surgiu através do convívio de pessoas e sua necessidade de comunicação, portanto é considerada natural. Assim como as outras línguas, ela possui estrutura gramatical e características próprias, variando de um país para o outro, até mesmo em diferentes regiões dentro do mesmo país, caracterizando a cultura de cada povo. Seu meio é espaço-visual, ou seja, a pessoa que está sinalizando precisa estar dentro do campo de visão do receptor, diferente das línguas que utilizam o canal oral-auditivo. Por ser uma língua visual, sua expressividade está sempre presente, não apenas facial, mas corporal, podendo transmitir qualquer informação, do concreto ao abstrato. (HONORA; FRIZANCO, 2009)

“As mãos não são o único veículo usado nas línguas de sinais para produzir informação linguística” (GESSER, 2009, p. 17), outros elementos que compõem essa língua são as expressões faciais, movimento de sobrancelha, olhos, boca, auxiliam na compreensão e transmissão da comunicação.

Com origem na Língua Francesa de Sinais, em 1855, o francês Ernest Huet chega ao Brasil através de Dom Pedro II, fundando a primeira escola para surdos brasileiros, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), estabelecido no Rio de Janeiro em 1857, favorecendo a educação das crianças com surdez. (GESSER, 2009)

Por meio da língua de sinais é possível criar e/ou interpretar poesias, músicas, histórias e peças teatrais, com tamanha expressão que a maioria dos ouvintes não recorrem. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, ela está longe de ser meramente mímica, gestos ou pantomimas, o sinal transmite o símbolo³, enquanto a mímica anseia que o indivíduo veja o objeto. (GESSER, 2009)

³ Representa, sugere ou substitui alguma coisa.

3. A linguagem teatral

Manifestações teatrais são percebidas desde as sociedades primitivas, quando o xamã fazendo uso de máscaras contava histórias através de danças e pantomimas⁴ em círculo realizavam rituais sagrados para afastar os demônios, onde todos ao redor acreditavam nesses poderes sobrenaturais e celebravam essa magia em formas teatrais. Pinturas pré-históricas, danças, mímicas, cantos e consagração a deuses estão todas ligadas ao início do teatro. (BERTHOLT, 2004)

De acordo com Spolin, todos possuem a capacidade de atuar, interpretar e improvisar, o talento está ligado ao se entregar, é o ambiente e o fazer que lhe permite, ou não, aprender, conhecer o espaço e se conectar a ele, “Experienciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e organicamente com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo” (2008, p. 3). A intuição é valorosa, pois a espontaneidade rompe os padrões e libera a criatividade do indivíduo, é um ápice de liberdade pessoal. Uma forma de desenvolver essa espontaneidade são as experiências com jogos dramáticos, brincando e se divertindo, os atores se tornam receptivos, avançam e adquirem capacidade de se envolver. O jogo teatral proporciona um desenvolvimento natural ao ator, a troca de energia estimula o entrosamento do grupo e o jogador alcança o objetivo de forma livre.

Japiassu (2001) assegura que o sistema de jogos teatrais de Viola Spolin se mostra efetivo no ensino dessa linguagem por sua abundância de expressões e improvisações, o que conduz os atores para uma cena ausente de rigidez, visivelmente espontânea, além de auxiliar no crescimento pessoal e desenvolvimento cultural de cada um, tendo como princípio a conversação, “[...] a comunicação que emerge da espontaneidade das interações entre sujeitos engajados na solução cênica de um problema de atuação” (JAPIASSU, 2001, p. 26). Através da “tríade de Viola”⁵ é possível experimentar o fazer teatral por meio dos jogos, tanto quanto aprimorar a apreciação e a compreensão estética observando a participação dos outros indivíduos e contextualizar através de análises feitas pelos próprios atores.

No palco é preciso imaginar a realidade, pensar em “quem está fazendo?”, “o que está fazendo?” e “onde está fazendo?”, recriar emoções mediante a cena, sem dispor das velhas:

Por causa da natureza dos problemas de atuação, é imperativo preparar todo o equipamento sensorial, livrar-se de todos os preconceitos, interpretações e suposições, para que se possa estabelecer um contato puro e direto com o meio criado e com os

⁴ Representação dramática com um dançarino solista e um coro narrativo.

⁵ Fazer teatral, apreciação e compreensão estética e contextualização.

objetos e pessoas dentro dele. Quando isto é aprendido dentro do mundo do teatro, produz simultaneamente o reconhecimento e contato puro e direto com o mundo exterior (SPOLIN, 2008, p.13).

Atualmente a prática do teatro visa formar o indivíduo, pensando nele como um ser em desenvolvimento, apurando a livre expressão e a imaginação. Mesmo que muitas vezes sejam usadas as mesmas técnicas teatrais para o preparo do ator e o espetáculo, Koudela afirma que:

Em momento nenhum encontramos uma definição mais específica da disciplina Teatro ou a discussão de princípios sobre os quais se fundamenta o seu ensino. Como decorrência, existe uma dicotomia entre teatro e manifestação espontânea. Quando o teatro é citado, ele é concebido de forma abstrata ou através da negação de modelos tradicionais, substituídos em nome do conceito genérico de criatividade (2006, p. 22).

O mundo proporciona ao ator todas as ferramentas que permitem o desenvolvimento artístico e perceptivo. A partir do momento em que por meio de sua capacidade de criar e inventar, o indivíduo consegue ouvir os sons, ver as cores, sentir o ar e observar a maneira como as pessoas interagem, outro olhar se abre, é constatado um progresso como ator que se torna mais rápido.

4. O teatro e a pessoa com surdez

A linguagem teatral pode favorecer consideravelmente o desenvolvimento da pessoa com surdez quanto a comunicação surdo-ouvinte e sua inclusão na sociedade, além do psíquico, o teatro aproxima as pessoas prosperando respeito mútuo através de seus momentos de aprendizagem alegres e interativos, o que acaba com o pensamento equivocado da maioria das pessoas de que os surdos são agressivos e mal-humorados. (FREITAS, 2014)

Suécia, Grécia, Japão, Alemanha, Rússia, Espanha, México, Portugal, Escócia, Inglaterra, Áustria, Islândia, entre outros países, são sede de teatro para surdos, a partir dessas companhias, muitos artistas surdos evidenciam sua cultura por meio de poesias, músicas, danças e contações de história utilizando a língua de sinais. Pouco popular, no Brasil encontra-se algumas organizações, situadas no Rio de Janeiro, como a Associação Velazquez de Assistência ao Surdo, o Teatro Brasileiro de Surdos e o projeto Desvendando o Universo Popular, que trabalham com atividades expressivas tanto com surdos quanto com ouvintes promovendo essa inclusão social e cultural. (FREITAS, 2014)

No desenvolvimento de um teatro com surdos e ouvintes é preciso pensar nos canais de comunicação para a apresentação e interação do grupo, dar ênfase nos gestos, sem deixar a oralidade e a Libras de lado, possibilitando o corpo ser voz, ele é componente principal do teatro

que se integra ao palco, preenche as lacunas com sua expressividade de maneira livre e poética transmitindo sentimentos e mensagens sem empregar som, somente movimentos. (FREITAS, 2014)

No teatro com surdos, além dos aspectos citados, os jogos contribuem para um trabalho interativo, com surdos e ouvintes, onde cada um trabalha para alcançar seus objetivos, como atores e observadores, mas experimentando ações em conjunto e vivenciando experiências que transporão para a vida diária. Os jogos permitem também a exploração de técnicas teatrais que facilitam a comunicação do surdo com a plateia ouvinte, resultantes da criatividade e improvisação (FREITAS, 2014, p. 85).

Freitas (2014) menciona em seu texto uma cativante proposta levantada pela companhia de teatro Quase9, chamada “encontro de dois” originada no projeto “palavras no silêncio” que integra dança e Libras. Os atores passaram por uma vivência em um instituto onde conviveram com os surdos mesmo sem dominar a língua de sinais, conhecendo e se aproximando da cultura surda, percebendo a proximidade dessas e coletando materiais poéticos, buscando encontrar uma forma de comunicação entre surdos e ouvintes.

Pensando no figurino, no ritmo e na iluminação, que compõe o campo visual, essencial aos surdos, fazendo a diferença e auxiliando a orientação do tempo e do espaço em que a cena está acontecendo, no som em um ambiente em que as vibrações cheguem até o surdo e ele possa perceber a presença deste. Libras, por ser um idioma corporal e espacial, é possível harmonizá-la com o teatro, brincando com essa língua e dando ritmo a ela. “A sonorização pode ser concebida por meio do ritmo e da harmonia. Os gestos e movimentos ocupam um espaço importante, não apenas como percurso, mas como uma dinâmica no espetáculo. ” (FREITAS, 2014, p. 115)

A plateia que sempre se faz presente e tem um papel fundamental ao espetáculo, se encanta em presenciar algo diferente, para os ouvintes muitas vezes gera surpresa, visto que carregam a ideia de que o surdo não seria capaz, como afirma Freitas “Ao se refletir sobre o surdo, sujeito de pesquisa deste estudo, percebo que a problemática não está na surdez ou no surdo, e sim nas representações dos ouvintes acerca dessas pessoas, nas quais os surdos são sinônimos de “deficientes”, “incapazes”[...]” (2014, p. 113).

Desta forma a recepção é compartilhada por surdos e ouvintes. A plateia ouvinte não precisa ser essencialmente incitada pela produção sonora. Se tiver interesse e disposição para fazer uma leitura da expressão corporal dos atores em cena, uma escuta do olhar, perceberá as inúmeras possibilidades da arte de representar, tornando-se cúmplice do espetáculo. A dificuldade com a plateia é ter um olhar apurado para discernir os gestos dos atores (FREITAS, 2014, p. 115).

O teatro além de expandir a bagagem cultural dos indivíduos surdos, contribui na interlocução com a sociedade através de jogos e técnicas teatrais, indo além da Libras e da língua portuguesa, manifestando a vontade de se comunicar e tornando-a possível de diferentes maneiras. (FREITAS, 2014)

5. Considerações finais

Considerando os aspectos analisados, sobre o desenvolvimento social da pessoa com surdez por meio da linguagem teatral, é possível afirmar que o teatro se faz uma grande ferramenta de auxílio na interação de indivíduos, sendo eles surdos ou ouvintes, gerando uma aproximação entre os participantes através de jogos teatrais com resultados satisfatórios.

No teatro é possível perceber as inúmeras identidades existente, como cada indivíduo é singular, diante disso é imprescindível a presença de empatia, apesar de existir certa dificuldade na comunicação com aqueles que não dominam a língua de sinais, a vontade de se comunicar com o outro supera essas barreiras, podendo despertar a apreciação pela Libras, trazendo motivação por meio da solidariedade e respeito mútuo.

Com isso é plausível afirmar que a linguagem teatral propicia uma evolução na socialização entre surdos e ouvintes mediante a prática de jogos teatrais e atividades para o desenvolvimento do sujeito como ator.

6. Referências

BERTHOUD, M. **História Mundial do Teatro**. Tradução de Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg, Sergio Coelho e Clovis Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FREITAS, C. R. C. **Processo de Compreensão e Reflexão Sobre a Iniciação Teatral de Surdos**. 154 f. Dissertação de mestrado – Universidade de Brasília, Instituto de Artes. Brasília, 2014.

GESSER, A. **Libras? Que Língua é Essa?: Crenças e Preconceitos em Torno da Língua de Sinais e da Realidade Surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HONORA, M., FRIZANCO, M. L. E. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a Comunicação Usada pelas Pessoas com Surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

JAPIASSU, R. O. V. **Metodologia do Ensino de Teatro**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2001

KOUDELA, I. D. **Jogos Teatrais**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SANTANA, A. P., BERGAMO, Alexandre. **Cultura e Identidades Surdas: Encruzilhadas de Lutas Sociais e Teóricas**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p.565-582, Maio/Ago. 2005.

SPOLIN, V. **Improvisação para o Teatro**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela, Eduardo José de Almeida Amós. São Paulo: Perspectiva, 2008.